

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Marília Das Dores Silvestre D'ávila Siqueira

**AS CRIANÇAS DE 5/6 ANOS ATUANDO COMO
PROTAGONISTAS NA DESCOBERTA DO MUNDO**

Belo Horizonte

2010

Marília Das Dores Silvestre D'ávila Siqueira

**AS CRIANÇAS DE 5/6 ANOS ATUANDO COMO
PROTAGONISTAS NA DESCOBERTA DO MUNDO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadoras: Vitória Líbia Barreto de Faria e Fátima Regina Teixeira de Salles

Belo Horizonte

2010

Marília Das Dores Silvestre D'Ávila Siqueira

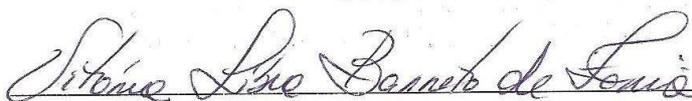
**AS CRIANÇAS DE 5/6 ANOS ATUANDO COMO
PROTAGONISTAS NA DESCOBERTA DO MUNDO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

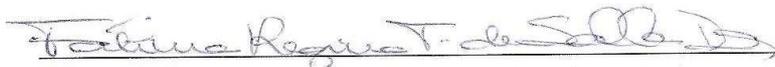
Orientadoras: Vitória Líbia Barreto de Faria e Fátima Regina Teixeira de Salles

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

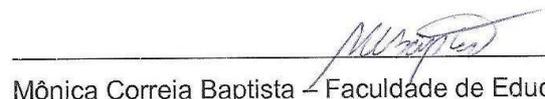
BANCA EXAMINADORA



Vitória Líbia Barreto de Faria – Faculdade de Educação da UFMG



Fátima Regina Teixeira de Salles – Faculdade de Educação da UFMG



Mônica Correia Baptista – Faculdade de Educação da UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SETENTÉSIMO OITAVO TRABALHO FINAL - CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO INFANTIL

Aos onze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dez, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão da quarta edição do curso LASEB – Pós-graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica – com o título “**CRIANÇAS DE 5/6 ANOS COMO PROTAGONISTAS NA DESCOBERTA DO MUNDO**”, da aluna **MARÍLIA DAS DORES SILVESTRE D’AVILA SIQUEIRA**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Fátima Regina Teixeira de Salles Dias (Orientadora), Vitória Líbia Barreto (Co-orientadora) e Mônica Correia Baptista. Os trabalhos iniciaram-se às 8 horas, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral da pesquisa, a banca examinadora fez uma arguição à candidata. A banca se reuniu, em seguida, sem a presença da candidata e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho **APROVADO**, atribuindo-lhe a nota _____, conceito _____. O resultado final do trabalho foi comunicado à aluna, que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital (CD), de acordo com as orientações da secretaria do colegiado de curso. Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 11 de dezembro de 2010.

Aluna *Marília* n° de matrícula 2009746982

Professora *Fátima R. T. Salles* Orientadora

Professora *Vitória Líbia Barreto* Co-orientadora

Professora *Mônica Correia Baptista* Convidada/avaliadora

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso Lato Sensu
em Docência na Educação Básica



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações



Identificação do material bibliográfico impresso ou eletrônico

[] Tese [] Dissertação [X] Monografia

1. Identificação do documento/autor(a)

Autor(a): Marília das Dores Silvestre Diávila Siqueira
Matrícula: 2009746982 RG: MG 5670673 CPF: 869969596-91
Título: Crianças de 5/6 anos como Protagonistas na Descoberta do mundo.
Programa de Pós-Graduação: Letu senso em Docência na Educação Básica

Orientador(a): Flávio S. B. CPF: 297503936-00

Co-Orientador(a): Flávia L. B. Faria CPF: 140156269-39

Número de páginas: Data de defesa: 11/12/10 Data de entrega do arquivo à secretaria: 1/1/10

2. Informações de acesso ao documento:

Este trabalho é confidencial? [] sim [X] não
Ocasionalmente registro de patente? [] sim [X] não
Pode ser liberado para acesso público? [X] total [] parcial [] não

Em caso de publicação parcial, assinale as permissões:

[] Capítulos. Especifique: _____

[] Outras restrições: _____

Termo de Autorização para Disponibilização na Biblioteca Digital da UFMG

Na qualidade de titular dos direitos de autor(a) da publicação supracitada, de acordo com a Lei nº 9610/98, autorizo à Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissões assinadas acima, do documento, em meio impresso ou eletrônico, na Rede Mundial de Computadores, no formato especificado, para fins de leitura, impressão e/ou download pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade, a partir desta data.

Assinatura do(a) autor(a)

11/12/10
Data

Tramitação na UFMG

1. Cliente do orientador

VITÓRIA L. B. FARIA Nome legível
Assinatura Data 11/12/2010

2. Secretária do Programa de Pós-Graduação

recebido em ___/___/___ responsável _____

liberado em ___/___/___ responsável _____

3. Biblioteca Universitária

liberado em ___/___/___ responsável _____

1 Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo estará disponível para reprodução, conforme legislação vigente na UFMG.

2 Texto (PDF); Imagem (JPG ou GIF); Som (WAV, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, AVI, QT); Outros (específico da área).

Agradeço a Deus, pelo seu infinito amor, por ter me dado o dom da inteligência e por me guiar até aqui e pelo resto de minha existência.

Aos meus alunos, por sua alegria e carinho contagiantes, por dividirem uma boa parte de sua infância comigo, pelas descobertas feitas POR eles COM eles.

Aos meus filhos amados Helena e Helder, por permitirem que eu faça parte de suas vidas e de suas grandes descobertas.

Ao Leley, meu eterno namorado, pelo companheirismo, pelo carinho e apoio incondicionais, pela paciência e solidariedade, por dividir sua vida comigo.

À minha mãe, meu exemplo de vida, por suas orações constantes, pela educação que me deu, pelo seu grande amor.

Ao meu pai, que lá do céu torce por mim. Quanta saudade!

Aos meus queridos irmãos, sobrinhos e cunhados, pelo orgulho que sentem em me ver conquistando mais esta vitória.

Às minhas companheiras da UMEI Jardim Vitória, por partilharmos momentos ricos de aprendizagem entre todos os nossos alunos, e por tornarem real a nossa luta diária por uma educação infantil de respeito e qualidade.

Aos meus colegas do LASEB, pela amizade, carinho, respeito e por trocarmos valiosas experiências profissionais e pessoais durante esses dezoito meses de convivência.

Às professoras Fátima e Vitória, por todas as sugestões e orientações, pelo carinho e respeito com o meu trabalho.

A todos vocês, meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

O ato de aprender é subjetivo, ou seja, ninguém pode aprender para ninguém. Em se tratando de crianças pequenas, é fundamental, para a sua aprendizagem, que ela seja participante ativa desse processo, pois está descobrindo e desvendando o mundo à sua volta. Muito tem sido pesquisado sobre a criança protagonista dentro da escola, aquela que atua na construção de seu conhecimento e aprendizagem, e cabe a nós, professoras e professores, proporcionar momentos de uma rica aprendizagem para nossas crianças. Este trabalho teve como objetivo destacar a importância da participação das crianças no seu processo de aprendizagem e o papel do professor nesse processo. Para tal, utilizou-se da abordagem qualitativa, baseada nos estudos de BOGDAN E BIKLEN (1999). Os sujeitos envolvidos foram vinte e duas crianças com idades entre cinco e seis anos, alunos da instituição pública municipal UMEI – Unidade Municipal de Educação Infantil Jardim Vitória, localizada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Palavras-chave: criança, aprendizagem, participação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO-----	08
2 DESENVOLVIMENTO-----	23
3 CONCLUSÃO-----	29
4 REFERÊNCIAS-----	31

1 INTRODUÇÃO

Iniciei minha trajetória profissional em 1989, cursando o magistério no Instituto de Educação de Minas Gerais. Dois anos depois concluí o curso, mas não fui trabalhar na área da educação. Caminhei por diversas áreas: de Organizações não Governamentais (ONG'S) a bancos privados.

Em 1998, ingressei na PUC Minas para iniciar o curso de Pedagogia com Ênfase em Ensino Religioso. Somente, no último ano do curso (que foi muito, muito bom mesmo!) me senti preparada para ingressar prá valer na carreira de professora.

Primeiro trabalhei na rede pública estadual, como professora contratada de educação religiosa. Lecionava para crianças de sete a dez anos de idade. Mas meus sentimentos se misturavam e eu me perguntava a todo instante: E agora? O que fazer? Vou dar conta do recado? Vou saber “dar aula”? Estava muito feliz, pois apesar dos questionamentos aquele momento era a realização de um sonho. E tudo correu muito bem. A partir daí, não parei mais. Permaneci como professora contratada na rede pública estadual até o ano de 2004.

No ano seguinte ingressei na rede municipal de educação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Desta vez não como professora contratada, mas sim como professora aprovada em concurso público para o cargo de Educadora Infantil.

Foi uma alegria imensa, mas novamente surgiram diversos questionamentos: ser educador infantil? Lidar com crianças tão pequenas? O que fazer? Como fazer? Não tinha tido nenhuma experiência profissional com essa faixa etária (zero à seis anos) e também não tive, na graduação, nenhuma disciplina específica sobre educação infantil.

Trago na lembrança uma colega de curso de pedagogia, que já atuava na educação infantil há bastante tempo. Ela sempre me contava sobre o trabalho realizado com seus alunos de quatro anos. Eu não acreditava na fala dela e a questionava sobre como era possível crianças tão pequenas realizarem “atividades” tão “difíceis?” Ela me dizia que um dia eu iria poder vivenciar e experimentar um pouco do universo infantil e sua grandiosidade. Não é que ela estava certa?

Hoje afirmo com muita convicção que foi uma das melhores coisas que me aconteceram durante a minha trajetória profissional. Como é bom estar próxima das crianças, ouvi-las, acompanhar o seu desenvolvimento, deixar que se expressem das mais diversas formas, principalmente através de questionamentos como: por que chove, faz frio, calor? Por que temos que tomar remédio? Outro aspecto muito relevante foi perceber como essas crianças foram gradativamente adquirindo confiança em mim para expressar seus mais diversos sentimentos: dúvidas, medos, alegrias, tristezas, enfim, construímos um laço de amizade e confiança mútuo no decorrer destes cinco anos. Foram tantas as descobertas de cada uma das crianças!

Vou citar algumas: Que todos nós temos um nome e podemos registrá-lo através das letras do alfabeto; somos diferentes uns dos outros, portanto não gostamos das mesmas coisas; existem meses com vinte e oito dias, outros com trinta e até mesmo com trinta e um dias! Essas e outras descobertas fizeram-me acreditar que jamais podemos associar a idade das crianças, ou mesmo o seu tamanho à sua capacidade intelectual. Nesse aspecto, quero ressaltar o meu papel, enquanto educadora, permitindo que essas descobertas fossem acontecendo, sempre pautada na escuta, no respeito, realizando o meu trabalho a partir daquilo que as crianças iam me solicitando, ou seja, o que emergia na sala de aula em determinado momento. É claro que eu poderia apenas transmitir meus conhecimentos a essas crianças, sem permitir que elas participassem, mas este não é e nunca será o meu objetivo enquanto educadora.

Para o momento cabe ressaltar Filippini (1995, p. 160):

O professor às vezes trabalha dentro do grupo de crianças e ocasionalmente apenas em volta delas. O professor estuda-as, proporciona ocasiões, intervém em momentos críticos e compartilha as emoções intensificadas nas crianças. O papel do adulto é acima de tudo o de ouvinte, de observador e de alguém que entende a estratégia que as crianças usam em uma situação de aprendizagem. Tem, para nós, o papel de “distribuidor” de oportunidades; e é muito importante que a criança sinta que ele não é o juiz, mas um recurso ao qual pode recorrer quando precisa tomar emprestado um gesto, uma palavra.

1.1 JUSTIFICATIVA:

Por que falar em participação das crianças no processo de descoberta do mundo? Por que dar voz a elas? Por que tratá-las como sujeitos? Porque eu acredito que essa é a maneira mais respeitosa para se trabalhar com os meus alunos. Acredito que ninguém pode aprender por ninguém. O ato de aprender é subjetivo.

Segundo Benjamin (apud BOLLE1984, p. 11):

A criança não é uma miniatura do cosmos adultos, bem ao contrário, é um ser humano de pouca idade que constrói seu próprio universo, capaz de incluir lances de pureza e ingenuidade, sem eliminar, todavia a agressividade, resistência, perversidade, humor, vontade de domínio e de mando.

O tema abordado visa trabalhar com as crianças de uma maneira respeitosa, prazerosa, onde possamos interagir e aprender juntos, e que essa aprendizagem faça sentido nas nossas vidas. É necessário educar para a solidariedade, para o respeito, trabalhando numa perspectiva de humanização. De que adianta realizar o trabalho docente de acordo com o que eu penso ser o melhor para meus alunos, se eu não perguntar a eles o que eles consideram importante, o que gostariam de aprender? É por isso que tenho claro comigo que a relação entre professor e aluno deve ser de escuta, receptividade, atenção, respeito. Nessa relação o aluno experimenta, sente, percebe, aprende, elabora significados. Portanto, é fundamental levar em consideração a percepção das crianças sobre as mais diversas situações que vivenciam na instituição de educação infantil, o que trará valiosas contribuições para a melhor compreensão e leitura do mundo que as cercam.

A criança, enquanto sujeito, deve ser um participante ativo das situações que vivencia no espaço escolar. Procuo criar condições para que elas

relacionem suas descobertas com o cotidiano, com a realidade e com sua história de vida. A partir dessa relação, elas experimentam, percebem, aprendem, elaboram significados.

Este trabalho ressaltou como é importante para o professor conhecer melhor o seu aluno, sua maneira de pensar, de ver o mundo, suas necessidades e interesses reais, para que ele seja o sujeito ativo de sua aprendizagem. É importante também que o professor conheça as famílias desses alunos, para que haja uma relação de diálogo constante.

Por outro lado, legítima é a importância do papel do professor, como aquele que cria condição para que a criança participe ativamente de sua aprendizagem e também desempenhe o seu papel de acordo com suas concepções acerca do que seja ser infância, criança, ensinar, aprender, entre outros...

1.2 OBJETIVO GERAL:

Analisar como se dá o processo de descoberta do mundo por uma turma de crianças de 5/6 anos no cotidiano de uma instituição de educação infantil e os impactos gerados por esse processo na prática pedagógica da professora.

1.2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Reconhecer e analisar as formas de participação utilizadas por crianças, no seu próprio processo de descoberta do mundo, em diversas situações do cotidiano de uma turma de Educação Infantil;

Reconhecer e analisar as formas de intervenção docente que potencializam o processo de descoberta do mundo pelas crianças de uma turma de Educação Infantil, em diversas situações do cotidiano;

Refletir e analisar as formas de envolvimento da família no processo de descoberta de mundo pelas crianças, a partir de uma ação intencional da professora.

1.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA UMEI – UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL – JARDIM VITÓRIA E DA TURMA DE CRIANÇAS DE 5/6 ANOS:

1.3.1 A UMEI:

A UMEI – Jardim Vitória localiza-se na Rua Branca, 51, no bairro Jardim Vitória, região nordeste de Belo Horizonte. A instituição foi inaugurada em fevereiro do ano de 2005 e desde então atende crianças de quatro meses até cinco anos e oito meses de idade, totalizando 250 crianças nos turnos manhã e tarde.

O horário de funcionamento da UMEI é de segunda à sexta-feira, das 07:00 às 17:20. A instituição tem três turmas de crianças que ficam o dia todo na escola, são elas:

- 1- Berçário (doze crianças com idade entre quatro meses e um ano);
- 2- Sala 1 (doze crianças com idade entre um e dois anos);
- 3- Sala 2 (dezesesseis crianças com idade entre dois e três anos).

As crianças que têm três anos ou mais freqüentam a instituição em meio período, ou pela manhã (das 07:00 às 11:20) ou à tarde (das 13:00 às 17:20).

Em cada turno temos uma turma de três anos (com vinte crianças), duas turmas de quatro anos com 20 (vinte crianças) e duas turmas de cinco/seis anos com 25 (vinte e cinco crianças). A UMEI está vinculada à Escola Municipal Prefeito Souza Lima, que está localizada no mesmo bairro.

Com relação ao corpo docente da UMEI, o mesmo é composto por 32

(trinta e duas) educadoras em cada turno, todas do sexo feminino, com idades entre 27 (vinte e sete) e 60 (sessenta) anos. Quase todas as educadoras têm curso de graduação (Pedagogia, Normal Superior, Psicologia, Relações Internacionais).

Há também aquelas que concluíram a pós-graduação, e 01 (uma) colega que já terminou o mestrado. Apenas uma educadora ainda não concluiu a graduação (Pedagogia). Também fazem parte do grupo a diretora e as 02 (duas) coordenadoras, sendo uma no turno da manhã e uma no turno da tarde.

O grupo de profissionais é muito comprometido com o trabalho, pautado pelo respeito com o outro e pela ética profissional. Diariamente tem-se uma hora e sete minutos para o planejamento das ações a serem desenvolvidas na instituição. É o momento que nos reunimos com a coordenação/direção para estudos, pesquisas, debates, relatos da nossa prática e também para atendimentos aos pais/responsáveis. Além desses encontros diários, algumas vezes reunimos aos sábados, e esses encontros englobam todo o corpo docente da instituição.

De acordo com a proposta pedagógica da UMEI, procuramos desenvolver o trabalho com base numa concepção de uma criança considerada como:

- sujeito em desenvolvimento físico, afetivo, cognitivo e social, que necessita de cuidados, atenção e orientação, para que possa desenvolver-se;
- sujeito de direitos e de deveres, que devem ser assegurados pelo poder público, pela família e pela escola, garantindo-lhe a apropriação dos bens culturais produzidos socialmente;
- sujeito carregado de história e experiências culturais diferenciadas, dotados de potencialidades, que devem ser estimuladas diariamente na interação com o outro e com o meio;
- cidadão pensante, crítico, criativo, afetivo, que traz marcas de individualidade, sentimentos e personalidade próprios, que serão considerados em seu processo de formação.

Com relação ao desenvolvimento humano, consideramos que este ocorre em etapas evolutivas a partir da maturação dos aspectos biológicos e psíquicos, como resultado da interação da criança com o meio sociocultural, e

se desenvolve por vivências e experiências da criança no mundo próprias de cada fase, a saber: infância, pré-adolescência, adolescência, juventude e vida adulta.

No tocante à aprendizagem, acreditamos que esta é organização de conhecimentos como estruturas, ou rede, construídas a partir das interações entre o sujeito e o meio de conhecimento ou práticas sociais. Esta concepção tem suas bases no construtivismo sócio-interacionista e pretende romper com os reducionismos de conceitos que encaram a aprendizagem como resultado do treino, da experiência ou de insights (apriorismo/inatismo/behaviorismo), e portanto, identificada com modelos mais abertos, fundados nas idéias de gênese e de processo (epistemologia genética piagetiana/abordagem sócio-histórica).

O grupo é formado por pessoas que, como eu, gosta muito do que faz, que acredita no que faz, tem consciência da importância do papel do professor na formação da criança. A prática pedagógica da grande maioria é bem parecida com a que desenvolvo. Socializamos os projetos com as outras turmas, damos total liberdade às crianças para explorarem os diversos espaços da instituição, visitar as turmas e mostrarem suas atividades, ou apenas para nos visitar. As crianças são parte da instituição no sentido próprio da palavra. Elas não estão lá apenas para receber informações. Pelo contrário, elas estão conosco, caminhando juntos para desvendar mistérios, para se expressarem, para opinarem sobre algum assunto, enfim, elas participam ativamente do cotidiano da instituição.

1.3.2 A TURMA:

A turma para qual leciono é composta por vinte e duas crianças com idades entre cinco e seis anos. Grande parte dessas crianças já freqüenta a instituição desde o ano de 2008 e desde então são meus alunos. Duas dessas crianças freqüentam a instituição desde a idade de seis meses e outra criança desde um ano.

Sou a educadora denominada como “referência”, de acordo com as normas da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED/BH), e passo a maior parte do tempo com elas (três horas e meia, diárias). A outra educadora é chamada de “apoio” e fica com as crianças durante uma hora e sete minutos diários para que a professora referência utilize esse momento para reflexão/discussão da prática pedagógica com a coordenação/direção da instituição, e quando for o caso, atender os pais/responsáveis.

O que dizer dessas crianças? São crianças muito falantes, observadoras e curiosas, (como toda criança deveria ser!), gostam muito de estarem umas com as outras, de brincar entre elas, de brincar de faz-de-conta, de fazer teatro, de cantar e dançar, de investigar sobre um assunto ou uma palavra que desconhecem, de relatar fatos do seu cotidiano, principalmente relacionando-os com o que estamos estudando. Enfim, não gostam mesmo é de ficar paradas, querem descobrir o mundo à sua volta!

A grande maioria é acompanhada por seus pais, que, em geral, são muito presentes em sua vida escolar. Essas crianças e suas famílias moram em casa própria ou cedida, algumas famílias moram em casas de aluguel. A maioria dessas crianças mora com o pai e a mãe, mas há aquelas que moram apenas com a mãe, e algumas moram com a mãe e a avó materna, figura esta muito presente na vida dessas crianças. A renda familiar da maioria gira em torno de um salário mínimo e meio mensal. As crianças frequentam a instituição no período da manhã e na parte da tarde, a grande maioria fica em casa aos cuidados da mãe ou da avó materna. Duas crianças vão para outra escola devido ao fato de suas mães trabalharem o dia todo. Conforme declaração de seus pais, essas crianças costumam freqüentar shoppings, parques e casa de parentes nos finais de semana. Sempre que são solicitados a comparecer na escola, os pais/responsáveis comparecem prontamente. Podemos contar com eles também para o auxílio nas atividades de casa, na realização de algum projeto, na participação de festas e eventos, enfim, são pais muitos participativos da vida escolar de seus filhos.

A religião predominante na turma é a evangélica, seguida da religião católica, mas há também algumas famílias que declaram não ter uma religião.

É notório o orgulho dos pais em acompanhar e perceber os avanços de seus filhos. Alguns deles relatam que seus filhos chegam da escola a vão logo

contar como foi o seu dia, o que fizeram. Há outros que relatam que sua criança não gosta de “faltar de aula” de forma alguma, mesmo que seja por um motivo grave, por exemplo, enfermidade.

Certa vez, um pai me disse que a UMEI foi “a melhor coisa” que aconteceu na vida de seu filho, porque nela, seu filho aprendeu a alimentar-se bem, a se expressar, a enxergar o mundo de outra maneira. Esses relatos dão ânimo para seguir em frente com o trabalho, pois percebo que estou na direção certa.

1.4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Este trabalho teve como principal referência o livro *As Cem Linguagens da Criança – A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*, onde encontrei embasamento teórico para fundamentar a minha pesquisa.

Acredito que as palavras chave do meu trabalho sejam descoberta e participação, pois nesta obra encontrei depoimentos valiosíssimos, dos quais destaco:

MALAGUZZI (1999: 91), afirma que as crianças são capazes de extrair significados de suas experiências cotidianas de modo autônomo, através de atos mentais envolvendo planejamento, coordenação de idéias e abstrações. Vale ressaltar que ele não quer minimizar o papel do adulto nesse processo! E

é isso que me fascina! Poder permitir que a criança se expresse das mais variadas formas, seja pelo registro, pelo gesto, pela fala. O que importa é proporcionar momentos em que ela possa descobrir e desvendar o mundo à sua volta, levantando hipóteses, fazendo questionamentos, tirando conclusões. É gratificante fazer parte desse processo, onde uma criança já consegue diferenciar números de letras, e indo além, descobrindo que há duas maneiras de se registrar tais números.

Vou exemplificar minha afirmação, pois a considero muito pertinente: Eu queria saber se as crianças já sabiam diferenciar números de letras. Então comecei a fazer algumas perguntas e registrar as respostas no quadro: Como eu me chamo, qual é a minha idade, a minha profissão, e finalmente a idade dos meus alunos. Até a última pergunta, todos responderam sem nenhum questionamento. Porém, quando perguntei a eles qual a sua idade, eles responderam oralmente que tinham quatro anos. Então, eu, adulta, comecei a registrar o número quatro no quadro e foi nesse momento que a Maria Eduarda se levantou e disse que realmente todos os colegas tinham quatro anos, que era verdade; mas, que ela poderia registrar dos “dois jeitos”. Perguntei como, e ela respondeu: _ Olha, você pode escrever o número quatro assim ó (e ela registrou o número quatro 4). E continuou: Ou então você pode olhar para as letras do alfabeto e escrever assim ó: UAO (registro da palavra QUATRO sem as consoantes). A minha aluna foi sensacional em sua resposta! Além de diferenciar número de letra, ela havia descoberto que algumas palavras.

Essa experiência marcou-me profundamente e mais uma vez, percebi que a capacidade das crianças é absurdamente maior do que imaginamos. E é por isso que é tão importante deixar que elas próprias se manifestem, sem medo de cometer “erros”.

Neste mesmo livro, RINALDI (1999, p.113 - 122), relata sua experiência com relação ao planejamento do currículo, que é chamado pelos educadores italianos de “currículo emergente”, ou seja, aquele que não é “engessado” e pré - estabelecido, ao contrário, é elaborado de acordo com as necessidades e interesses das crianças.

Inicialmente, ela fala da importância da participação das famílias nos projetos desenvolvidos em Reggio Emilia, em que as escolas não são escolas “experimentais”, são parte de um sistema público que tem lutado para combinar

o bem-estar das crianças e as necessidades públicas das famílias com os direitos humanos fundamentais à infância. Os educadores de Reggio Emilia acreditam que todo o conhecimento emerge no processo de construção social e de si mesmo. Afirmam que o professor deve estabelecer um relacionamento pessoal com cada criança e basear este relacionamento no sistema social da escola. Esse enfoque pede que os adultos – tanto os professores quanto os pais – ofereçam-se como pessoas que sirvam de referenciais aos quais as crianças podem (e desejam) voltar-se. A tarefa dessas pessoas não é simplesmente satisfazer ou responder perguntas, mas, em vez disso, ajudar as crianças a descobrirem as respostas, e mais importante ainda, ajudá-las a indagar a si mesmas sobre questões relevantes.

Os educadores de Reggio Emilia acreditam que todo o conhecimento emerge no processo de construção social e de si mesmo. Afirmam que o professor deve estabelecer um relacionamento pessoal com cada criança e basear este relacionamento no sistema social da escola.

A educadora trata também do que ela acredita ser fundamental e básico: a imagem das crianças:

O marco de nossa experiência, baseado na prática, teoria e pesquisa, é a imagem das crianças como ricas, fortes e poderosas. A ênfase é colocada em vê-las como sujeitos únicos com direitos, em vez de simplesmente com necessidades. Elas têm potencial, plasticidade, desejo de crescer, curiosidade, capacidade de maravilhar-se e o desejo de relacionarem-se com outras pessoas e de comunicarem-se. (p. 114).

A educadora nos alerta sobre a importância de se trabalhar em grupo para que esses potenciais citados por ela sejam expressos e conquistados. Para ela é mais importante ouvir do que falar, a dúvida e a fascinação são fatores bem-vindos, juntamente com a investigação científica e o método dedutivo do detetive.

Segundo seu relato, essa maneira de trabalhar pede que os professores e os pais sirvam de referenciais para as crianças, onde as mesmas, com o auxílio destes, desvendem o mundo a sua volta.

Na opinião dos educadores de Reggio Emilia, o conflito é um elemento essencial porque transforma os relacionamentos que uma criança tem com seus colegas (oposição, negociação, consideração dos pontos-de-vista de

outros), gerando o que eles denominam de “forças propulsoras” para o crescimento.

Outro aspecto abordado pela educadora refere-se ao planejamento, onde ela afirma que este não é feito com objetivos pré-concebidos. Ele é entendido como preparação e organização do espaço, dos materiais, entre outros. Nessa prática, os objetivos vão surgindo a partir dos questionamentos feitos pelas crianças. Para a educadora, o desafio para o adulto, no caso o professor, é estar presente sem ser intruso, a fim de manter melhor a dinâmica cognitiva e social enquanto está em progresso. O professor permanece sempre como um observador atento e, além disso, um pesquisador. Através de sua pesquisa, o professor reúne-se com seus colegas para reflexões em grupo, e estas reflexões produzem discussão e conflito tanto no pesquisador quanto no grupo. Esses conflitos são tão importantes quanto os conflitos e discussões que acontecem entre as crianças. Essas reflexões, às vezes modificam radicalmente os pensamentos e hipóteses do professor em relação às crianças e até mesmo suas interações com elas.

De acordo com PEREIRA E VIEIRA (2000, p.12):

Sabemos, no entanto, que, para conhecer, é necessário que o sujeito se coloque frente à realidade e a ela faça perguntas. As respostas a essas perguntas é o que pode ser chamado de conhecimento. Esse conhecimento deve ser entendido como relativo porque é produto dessas perguntas e não é, portanto, absoluto e nem neutro, pois sofre interferência dos sujeitos, que fazem as perguntas, com objetivos específicos e a partir de tempos e lugares também específicos.

Outro trabalho que muito contribuiu para a realização de minha pesquisa foi a tese de doutorado da professora Maria Inês Mafra Goulart: “Aprender Participando, a Exploração do Mundo Físico pela Criança”. Sua pesquisa foi realizada no Jardim Municipal Maria Sales Ferreira e também na Cooperativa de Ensino - COOPEN, ambas na cidade de Belo Horizonte. Em seu trabalho, a professora nos mostra como as crianças são capazes de explorar o mundo e a natureza que a cercam, quando são engajadas em atividades significativas.

Ela aponta para alguns obstáculos que, segundo ela, insistem em dificultar o acesso das crianças ao conhecimento: a afirmação de que crianças muito pequenas não são capazes de aprender e, portanto, necessitam apenas de recreação; a distribuição do conhecimento de forma pouco significativa e

mesmo enigmática; e o pouco investimento na formação dos profissionais que atuam nesse segmento.

Por outro lado, ela apresenta elementos que podem romper com essa situação na medida em que:

procura evidências de que as crianças são capazes de participar de um trabalho organizado de exploração do mundo e da natureza produzindo conhecimentos sofisticados; oferece aos profissionais da educação infantil instrumentos de leitura da sala de aula que possam subsidiar a construção de propostas para a melhor distribuição e produção de conhecimentos com as crianças nessa faixa etária. (p. 46).

Segundo a autora, aprender significa atribuir significado. Para ela, esse é um dos grandes problemas enfrentados pelos professores. As palavras, por exemplo, não têm sentido ou significado em si mesmas. Dessa forma, uma educação baseada no repasse de informações encontra-se, na maioria das vezes, vazia de significados.

Outro assunto muito importante tratado pela professora Maria Inês é o que ela denomina como margem/centro: uma visão dialética da participação. De acordo com essa perspectiva, a participação e a aprendizagem são produzidas dialeticamente entre o individual e o coletivo. Para ilustrar essa afirmação a autora conta em detalhes a experiência de Bruno, uma criança que realiza várias descobertas e muda o desenrolar da atividade, provocando mudanças por meio do que ela chama de “poder de agir”, ou seja, as mudanças tiveram origem na participação desta criança, transformaram a dinâmica do trabalho pedagógico e as formas dominantes de prática caracterizadas naquele momento. Ora este aluno estava à margem da atividade proposta, ora ele estava no centro, e, em outros momentos, centrado na margem (que quer dizer: fazendo o seu próprio percurso, estando na margem, mas, se posicionando no centro da ação, experiência e aprendizagem).

GOULART afirma que:

em uma perspectiva dialética de participação, conhecimento e experiência são mutuamente constitutivos. É importante ver que margem e centro são termos relacionais, e não podem ser usados sem também especificar o ponto de referência. Se empregarmos

margem, há que se estar relacionado com o termo centro e vice-versa. (p. 172).

Em outro artigo, a autora aborda um assunto semelhante: como a criança compreende e dá significado às coisas. Nele, a autora trata da questão do cuidar e do educar, como sendo indissociáveis, onde a criança vivencia situações de aprendizagem tanto na hora em que aprende o usar os talheres, como quando quer saber sobre a vida dos insetos.

Mais adiante, a ela nos fala sobre as contribuições de Vygotsky no que se refere ao processo de construção do conhecimento pela criança pequena: Para Vygotsky, o conhecimento é construído através da interação que o sujeito estabelece com o meio sociocultural. Sendo assim, possui gênese e desenvolvimento. Abordando a construção do conhecimento numa perspectiva processual, Vygotsky afirma que o desenvolvimento da linguagem é também o desenvolvimento do pensamento. Entretanto, a relação estabelecida em ambos os processos não é constante ao longo do desenvolvimento, não sendo paralela, muito menos uniforme. Para Vygotsky, a instrução, promovida pelas práticas escolares, é válida quando precede o desenvolvimento, criando o que ele denominou de “Zona de Desenvolvimento Proximal”: Na relação de um parceiro mais experiente ou de um adulto com a criança, o adulto ou o parceiro, apropria-se da palavra da criança, tratando-a como se estivesse dentro de seu modelo conceitual. Nesse sentido, a forma de pensar da criança passa a convergir com o sistema criado pelo adulto. Em outras palavras, a distância existente entre a Zona de Desenvolvimento Real (aquilo que a criança já domina sozinha) e a Zona de Desenvolvimento Potencial (aquilo que a criança necessita de ajuda para compreender) é a Zona de Desenvolvimento Proximal.

Continuando suas explicações, GOULART utiliza-se da metáfora escuridão/luz para falar sobre o lugar do professor e da criança no mundo. Para ela, aprender, na sala de aula, envolve escuridão e luz. Sob a ótica tradicional, os professores são a luz (eles conhecem o conteúdo, sabem em que lugar do currículo se encontram, e acreditam que conduzem as atividades e que as crianças fazem exatamente o que é planejado. Ainda sob o ponto de vista tradicional, as crianças parecem estar na escuridão em duplo sentido(elas não sabem e não têm o sentido daquilo que vão saber, suas ações se prestam apenas para seguir as instruções dos professores ou para

ganhar notas). Nessa perspectiva, ensinar significa afastar o aluno da escuridão: escuridão e luz são condições opostas dentro da sala de aula, vividas por diferentes protagonistas.

2 DESENVOLVIMENTO

De acordo com GOULART (2005, p.48), tomar a sala de aula como objeto de estudo tem sido um desafio para os pesquisadores em educação. Uma das dificuldades é sua intensa fluidez. Atividades iniciam-se e podem tomar rumos inesperados.

A sala de aula não é um espaço estático; a cada dia procurei realizar meu trabalho através de diálogos, de observações, de registros e de desenvolvimento de projetos pedagógicos. Com isso possibilitei às crianças compreenderem as questões sobre as quais elas levantaram, partilhando idéias e formas de pensar e agir. Abaixo descrevo as atividades realizadas para o desenvolvimento do trabalho:

2.1 PERSONALIZAR A AGENDA COM A ESCRITA DA CRIANÇA:

Geralmente, o nome das crianças aparece digitado na capa da agenda escolar, recebida no início do ano letivo.

Certa manhã, como de costume, as crianças chegaram e colocaram as agendas sobre a mesa da professora. Então a Júlia me disse que gostaria de escrever o nome dela “bem grande” para colar na capa da agenda. Dessa vez ela não queria que eu escrevesse para ela, pois ela já sabia escrever o nome dela sozinha.

Então eu perguntei a todas as crianças se elas gostariam de escrever o nome na agenda. Todos responderam: - Sim! E foi uma alegria geral! Cada criança escolheu a cor da folha que iria usar para registrar seu nome e depois colamos na capa da agenda.

Esta atividade proporcionou às crianças poderem registrar o seu nome à sua maneira, com muita autonomia e satisfação, pois fizeram parte do processo.

2.2 PROJETO OS SENTIDOS:

Na nossa turma temos um aluno, o Juan, que tem baixa audição devido a ter contraído meningite quando era bebê. Juan usa um aparelho auditivo nos dois ouvidos. Na outra turma de crianças com a mesma faixa etária, temos o Kauã, que tem baixa visão, devido ao mesmo ter ficado algumas horas dentro da barriga de sua mãe que acabara de falecer antes mesmo de ele nascer.

As crianças começaram a questionar sobre o fato de os olhos do Kauã serem “juntinhos” (estrabismo) e também começaram a perguntar o que era aquele aparelho no ouvido do Juan. As perguntas eram constantes e a necessidade de tocar nesses objetos também (no aparelho auditivo e nos óculos).

No início do ano, nós, professoras, já havíamos conversado com as turmas sobre o assunto, mas não foi o suficiente. Eles queriam saber mais e faziam perguntas do tipo: O Juan é surdo? O kauã é cego? Por que eu não uso aparelho e ele usa? Diante de tantas perguntas, eu e as crianças, juntamente com a professora Claudinéia e seus alunos, iniciamos este projeto para descobrirmos quantos são esses órgãos e qual é a função deles no nosso corpo.

Realizamos algumas atividades para sensibilizar os nossos sentidos: brincamos de cabra-cega para percebermos como é ficar com os olhos vendados, conversamos com nossos tons de voz alterados (cochichando e gritando) para aguçarmos a nossa audição e tentar entender o problema auditivo do Juan, preparamos uma deliciosa gelatina para aguçar o nosso paladar, tocamos em diversos objetos, utilizando nossas mãos, pés, braços e pernas(de olhos fechados): esponja de banho,gelo, bolinha de papel amassado, lixa de unha, entre outros, para tentarmos adivinhar, através do tato, o que eram aqueles objetos, e finalmente, sentimos cheiros diversos:

casca de limão, shampoo, álcool, desodorante, sempre com os olhos vendados.

Durante as atividades, as crianças faziam intervenções, uma queria ajudar a outra a tentar adivinhar o que estava tocando, ou cheirando, ou ainda, queria conduzir aquela que estava sendo a “cabra cega” para perto das outras crianças.

Este trabalho possibilitou um maior entrosamento entre as duas turmas, e também auxiliou as crianças a entenderem melhor a situação do Juan e do Kauã.

Quero ressaltar que em nenhum momento, as crianças tiveram atitudes de discriminação com estes dois alunos. Venho percebido isso já há algum tempo. Entre crianças não existe preconceito, eles realizam todas as atividades normalmente com estas duas crianças. A partir deste trabalho, tanto o Juan quanto o Kauã, interagiram mais com todos, colegas e educadoras.

Novamente me reporto GOULART (2005, p.109):

Ao teorizar ou ao analisar as atividades e ações humanas, não podemos tomar um dos lados como ponto de partida. No estudo sobre a aprendizagem das crianças, por exemplo, não nos interessa levantar questões sobre a criança em ação, apartada dos objetos que dela participam. Assim como não podemos levantar questões sobre os objetos, quer sejam, recursos materiais ou simbólicos, sem considerarmos os sujeitos que com eles entram em interação. Ao estudarmos as ações e as atividades, o sujeito e o objeto constituem dois aspectos de uma mesma e inseparável unidade que dela participam.

2.3 PROJETO: POR QUE O MEU DENTE ESTÁ CAINDO?

As crianças nessa faixa etária costumam trocar os dentes de leite pelo dentes permanentes. A cada dia chegava uma criança banguela e muito feliz com o acontecimento. Eu dizia que já havia passado por esta situação. Foi quando dois alunos me perguntaram se eu sabia por que é que os nossos dentes caem.

Devolvi a pergunta para eles e obtive as seguintes respostas: Porque eu não escovo direito, aí ele fica fraco e cai (Raphael); porque eu chupo muita

bala e chiclete (Ítalo); porque ele fica amarelo e sujo (Jenifer); a minha prima chupa bico e perdeu todos os dentes por causa disso (Júlia).

O projeto nasceu a partir da curiosidade das crianças acerca do assunto. Através dele, as crianças, juntamente com as professoras, queriam encontrar respostas para a pergunta em questão, já que a grande maioria delas estava banguela e não sabia o motivo. Focamos na prevenção das cáries e outros problemas bucais, muito comuns nessa faixa etária, acarretados pelo uso de bicos e mamadeiras e principalmente pelo abuso de alimentos que contém açúcar.

Nosso objetivo era descobrir/desvendar porque os dentes amolecem, caem e logo depois nasce outro no lugar, bem como promover o bom hábito da higiene bucal, com foco na prevenção de cáries e outros problemas relacionados à dentição.

Para responder a todos estes questionamentos, convidamos a Dra. Heloísa, dentista do Centro de Saúde Marcelo Pontel Gomes para conversar conosco e fazer os devidos esclarecimentos. No dia e hora agendados, a Dra. Heloísa compareceu à instituição. Inicialmente ela contou uma história intitulada: O Meu Dente Caiu de Vivina de Assis Viana. Após a leitura da história, a dentista explicou para as crianças o significado das palavras que elas desconheciam, tais como: dente de leite, dente permanente, cárie, cárie de mamadeira, placa, flúor, esmalte do dente, entre outras. Em seguida ela explicou que os nossos dentes caem para dar lugar a outro que já está na nossa gengiva apenas esperando o dente-de-leite cair para poder nascer. Ele “toma” o lugar do dente-de-leite porque ele é o dente “forte”, ele é chamado de permanente, pois ele não será substituído por outro.

Após as explicações da Dra. Heloísa, ela convidou a todos para confeccionarmos uma gengiva e dentes utilizando massinha feita com farinha de trigo, sal, água e tinta guache. Ela nos solicitou que olhássemos no espelho para fazer a dentadura de acordo com os nossos dentes. Quem tivesse “janelinha”, que a retratasse no trabalho. E assim fizemos. Todos nós confeccionamos a “nossa dentadura de massinha”. Este foi o nome dado pelas crianças para a nossa “obra de arte”.

Após esse momento, fizemos uma roda para confeccionamos um mural contendo fotos das crianças mostrando a sua “janelinha” e também as fotos

daquelas crianças cujo dente ainda não havia caído. Este mural ficou exposto na escola para a apreciação de todos, inclusive das famílias.

Acredito que a realização deste trabalho ilustra a afirmação de GOULART (2005, p. 46); sua pesquisa traz elementos que rompem com obstáculos que insistem em dificultar o acesso das crianças ao desenvolvimento. De que maneira? Evidenciando que as crianças são capazes de participar de um trabalho organizado de exploração do mundo e da natureza produzindo conhecimentos sofisticados.

Quando oferece aos profissionais da educação infantil instrumentos de leitura da sala de aula que possam subsidiar a construção de propostas para a melhor distribuição e produção de conhecimentos com as crianças nessa faixa etária.

2.4 O LOBO MAU MORA AQUI PERTO?

O Breno, nosso colega da turma ausentou-se da escola por um período de três dias porque havia machucado a perna. Ao retornar a escola, sentamos na rodinha e iniciamos uma conversa sobre o que havia acontecido com ele. Então ele disse para a turma que tinha caído na boca-de-lobo lá perto da sua casa. Ele nos mostrou o ferimento, disse que foi preciso “dar ponto” no local, mas que já estava melhorando. Eis que surge o Vitor Emanuel com a seguinte pergunta: _ Professora, o lobo mau mora perto da casa do Breno? E eu, como sempre faço, devolvi a pergunta com outra: _ Por que você acha que o lobo mau mora perto da casa do Breno? E ele: _ Ué! Ele acabou de falar que caiu na boca do lobo! Então o lobo deve morar aqui perto não é?

Fiquei muito empolgada com a pergunta e o raciocínio dele. Então comecei a explicar que não era dentro da boca do lobo mau que o Breno tinha caído, era outra boca-de-lobo. Para esclarecer minha explicação, desenhei no quadro o lobo mau que eles conhecem e brincam tanto (o fantoche). Quando

fui desenhar a boca de lobo a que o Breno se referia, ele(Breno), me interrompeu e disse: _ Não é assim não! A boca de lobo é enorme! Eu o convidei para desenhá-la no quadro para podermos comparar os dois desenhos. E ele fez o desenho da “sua” boca-de-lobo.

Foi aí que o Vitor disse: Esses desenhos não se parecem, por que tem o mesmo nome? Eu disse a ele que não sabia a resposta, perguntei se alguém poderia responder, mas todos sinalizaram que também não sabiam. Então disse a eles que iria pesquisar e contar para eles no dia seguinte. Todos ficaram ansiosos para saber a resposta.

Na minha pesquisa, descobri o seguinte: O lobo(animal) se alimenta da carne de outros animais, e, em consequência de sua alimentação, tem um hálito horrível. A boca-de-lobo, por sua vez, também exala um odor desagradável. Foi por essa razão que ela (boca-de-lobo) recebeu este nome. Porque ambas as “bocas” exalam mau cheiro. Percebi que as crianças entenderam bem a minha explicação, ela satisfaz a curiosidade das crianças, principalmente a do Vitor.

Depois de tudo esclarecido, estava na hora de envolver os pais: Nossa descoberta se transformou numa “atividade de casa”, onde solicitei as crianças o seguinte: que recontassem a história para seus pais/responsáveis e pedissem a eles para registrá-la no caderno. Outra solicitação que foi feita era para que os pais/responsáveis mostrassem uma boca-de-lobo para sua criança e esta, por sua vez, faria uma ilustração do que viu.

Posso dizer que esta experiência também foi muito importante, tanto para mim quanto para as crianças, pois ambos não sabíamos a resposta e, mais uma vez, eu aprendi junto com elas. Através desta experiência, percebi que a aprendizagem fez sentido para todas as crianças, mais uma vez. Quanto às respostas dos pais, eles se mostraram muito envolvidos com a descoberta de seus filhos, relatando a história que sua criança lhe contou e dizendo que o assunto era novidade para eles também.

3 CONCLUSÃO

Diante de tudo isso que foi relatado com muita seriedade e carinho, quero salientar que para exercer qualquer profissão, da mais nobre até a mais simples, é preciso ter amor e prazer! Tenho uma alegria enorme em ser professora! Sei que travamos batalhas difíceis cotidianamente, que os problemas são muitos, que há de se valorizar mais a nossa profissão. Mas valeu muito a pena ter chegado até aqui! Por que digo isso? Porque nesse mundo louco, onde as pessoas parecem que perderam o senso de tudo, eu sou privilegiada em poder trabalhar naquilo que me dá prazer. Percebi que as crianças pequenas querem descobrir o mundo à sua volta e muitas vezes chegam à escola sedenta por informações sobre os mais variados assuntos.

Por exemplo: porque faz frio e eu fico arrepiada? Ou ainda: por que o meu cabelo é crespo e o do meu colega é liso? Enfim, são inúmeras perguntas feitas a nós, professoras. Mas acontece que muitas vezes, essas crianças são podadas, não é levado em conta a sua curiosidade, a sua maneira de ser e estar no mundo. E é exatamente isso que eu considero fundamental na minha prática: dar voz aos meus alunos para saber o que eles desejam investigar, aprender, descobrir, para que possamos juntos, construir conhecimentos acerca do mundo que nos rodeia.

Sei da importância em trabalhar o respeito, a tolerância, a escuta, a diversidade. A minha postura perante essas crianças é de muito respeito. Considero fundamental tratá-las igualmente, sem distinção. Elas por sua vez, também retribuem todo o respeito que tenho por elas. Não tenho a ilusão de transformar o mundo, mas penso que já comecei com um pequeno grupo, um grupo que sabe se respeitar, que sabe ouvir e se expressar e aprender a partir de experiências vivenciadas na escola.

Foram momentos de muitos desafios vivenciados por mim e também pelas crianças. E as dúvidas? Foram tantas! Mas agora posso afirmar que foram elas (as dúvidas) que me impulsionaram a seguir em frente. Como foi bom poder ver as crianças descobrindo, interpretando e agindo no mundo. Este trabalho me ensinou a observá-las cada vez mais, a ouvi-las, proporcionando atividades de investigação e descoberta.

Diante disso, não posso deixar de citar o meu papel frente às descobertas feitas por e com elas, proporcionando-as vivenciar experiências diversificadas.

É preciso que a escola ensine a questionar para aprender, que ensine as crianças a fazerem uma leitura do mundo do qual fazemos parte. Através deste trabalho, não procurei buscar respostas prontas, ao invés disso apoiar as iniciativas das próprias crianças, oferecendo situações que proporcionassem suas descobertas.

Acredito que o professor deve ser antes de tudo, um pesquisador. Deve ter humildade para reconhecer suas limitações, e nunca imaginar que sabe tudo. Isso é muito claro para mim, pois quando meus alunos levantam algum questionamento que não domino, respondo com muita tranquilidade: Não sei,

vamos descobrir juntos? E assim realizamos várias descobertas E muitas ainda estão por vir...

Para finalizar, novamente cito GOULART (2005, p.36), que resume todo o que eu procurei explicitar com este trabalho:

Uma última consequência traz contribuições para a formulação de políticas na área da educação infantil. A compreensão da complexidade da produção do conhecimento na tenra idade nos faz acreditar que essa não é uma prática banal. Ora, se as crianças produzem e não apenas reproduzem o conhecimento que já está sistematizado, e ao produzir e reproduzir conhecimentos elas também se produzem enquanto indivíduos, então esta é uma atividade altamente sofisticada que demanda um alto grau de investimento.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação. Tradução: Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Infantil e Fundamental. Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Infantil e Fundamental. Parâmetros da Infra-Estrutura para as Instituições de Educação Infantil e Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2005.

EDWARDS, Carolyn. GANDINI, Lella e FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança. A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GOULART, Maria Inês Mafra. Aprender Participando. A Exploração do Mundo Físico Pela Criança. Belo Horizonte, FaE – UFMG, 2005.

PEREIRA, Luzia Ribeiro e VIEIRA, Martha Lourenço. Fazer Pesquisa é um Problema? Belo Horizonte: Lápis Azul, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semiovich. O Desenvolvimento Psicológico na Infância: Tradução Claudia Berliner. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.